O PIONEIRO DO FOLCLORE NO NORDESTE DO BRASIL

FRANCISCO ALVES DE ANDRADE

UMA VIDA CONSAGRADA AO IDEAL...

A 27 de Setembro de 1836 nascia em Fortaleza, na casa n. 66 da Rua Formosa, JUVENAL GALENO DA COSTA E SILVA. (1) Este, que havia de ser o nosso maior poeta popular, era filho de José Antônio da Costa e Silva e de Da. Maria do Carmo Teófilo, tradicionais proprietários rurais e agricultores na serra da Aratanha.

Neto de Albano da Costa dos Anjos e do português Manuel José Teófilo, Juvenal Galeno era primo de Capistrano de Abreu — o nosso maior historiador — e de Clóvis Bevilaqua, máxima expressão da cultura jurídica nacional.

Em 1850, ainda jovem estudante de latim, seguia para Aracati, em companhia de seu tio, o médico Marcos Teófilo. que ali pretendia dedicar-se à profissão.

Naquela cidade matriculou-se numa escola pública, sob a regência de Porfírio Sabóia, continuando os seus estudos antes iniciados com o Padre Nogueira Braveza.

José Antonio da Costa e Silva pretendia fazer do filho seu substituto na direcção dos trabalhos rurais. E mandou-o ao sul do país, para que observasse melhor a cultura do café, seus métodos modernos e prática de exploração.

Sob a influência dos primeiros estudos, clássicos e literários , que neste sentido lhe desenvolveram as aptidões, o nosso poeta, obtendo permissão do pai para visitar a capital do país, recomendado que fora a Paulo Brito, ficou-se ali, encantado com a intensa vida social na casa deste último, centro de reunião dos magnatas da metropole e dos seus homens de letras.

---

(1) Dicionário Bio-bibliográfico, por Barão de Studart, edição de 1913.

Travou relações com Machado de Assis, então tipógrafo, Saldanha Marinho, Melo Morais, Quintino Bocaiuva, iniciando-se com a publicação de suas poesias na "Marmota Fluminense", pertencente a Paula Brito, na qual colaboravam também Joaquim Manoel de Macedo, Teixeira de Sousa e outros.

Após haver reunido as suas produções, enfeixando-as no seu primeiro livro "Prelúdios Poéticos", voltou para a terra natal, trazendo dois exemplares, ricamente encadernados, que ofereceu a seus extremosos pais.

Consorciou-se com a filha do Comendador Cabral de Melo, Da. Maria do Carmo Cabral, passando a residir em sua fazenda, na serra da Aratanha. Posteriormente fixou residência em Fortaleza.

Foi deputado estadual em 1859, como suplente pelo círculo eleitoral de Icó. Recusou então as leis de meio do Presidente Silveira de Sousa e apresentou à Assembleia Legislativa o primeiro projecto da criação de uma escola prática e escola normal de agricultura no Ceará.

Exerceu o cargo de Inspector da Instrução Pública no Estado e depois o de Bibliotecário público, desde 1889 até 1908, no desempenho do qual foi de uma exemplar dedicação; assim costumava dizer, amava aquela repartição como se fosse um de seus próprios filhos.

Veio-lhe depois a cegueira, a invalidez, numa treva de vinte e quatro anos, que lhe não abateu o espírito, pois o poeta ainda aos noventa e quatro continuou dedilhando a lira, sem que a imaginação deixasse de florir em imagens ridentes.

Em 1931, findava o seu viver na terra. Dobrava-se a página de sua existência, revelando-nos uma pista luminosa em tudo quanto escreveu, para o conhecimento dos que esperam, mediante a pesquisa e a indagação, acrescentar mais uma descoberta ao monumento da literatura, da arte ou da ciência.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA

Todo o vigor da produção literária de Juvenal Galeno está contido em três livros: — "Lendas e Canções Populares" — sua obra prima "Cenas Populares" e "Folhetins de Silvanus".

Franklin Távora considerou-os, cada um de per si, um monumento para a literatura do norte.

Quanto ao primeiro, não só como obra de arte em que se revelou o génio do poeta, mas como documentário precioso deve ser detidamente estudado, podendo constituir um guieiro para a indagação e pesquisa dos usos, costumes e tradições populares. Assim também os demais.

De "Cenas Populares" disse José de Alencar que "livro tão original ainda não se escreveu entre nós". (2). Ao invés do verso, o autor preferiu a prosa em que descreve lugares, pessoas, costumes típicos de sumo interesse para o folclore em alguns contos singelos: "Os pescadores", "Dia de feira", "Folhas secas", "Noite de núpcias", etc.

"Folhetins de Silvánus" é uma fina sátira dos costumes, hábitos, fielmente observados e descritos com um humorismo encantador.

A maior parte do livro é escrita em verso, em que estigmatiza o luxo, o pedantismo provinciano, a falsa ciência dos dilectantes, em plena Fortaleza do século XIX.

Ressaltemos que na voz do poeta está refletido o pensamento do povo, com suas ideias conservadoras, seus preconceitos, suas aspirações.

Tais versos e prosa eram publicados pelo autor, com o pseudónimo de Silvanus, na folha mais procurada e mais lida da cidade, que era "A Constituição".

A carapuça assentava em alguns que, feridos no íntimo, exasperavam-se. Os demais sorriam e exclamavam admirados: "Que Silvanus terrível, que Silvánus medonho! Que insigne Silvánus"... (3) E, quem pensaria fosse tão mordaz o lírico, o pacífico, o tranquilo Juvenal ?

Além de seus "Prelúdios", escreveu "Porangaba"; uma comédia — "Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido"; "Canções da Escola", "Lira Cearense" e outras diversas colaborações nos jornais e revistas do Ceará e do Rio de Janeiro.

---

(2) "Cenas Populares" — edição da "Tip. Moderna a Vapor", 1902, carta de José de Alencar. Fortaleza.

(3) "Folhetins de Silvanus" — 1.º Vol. Tip. Universal — Fortaleza 1891, pág. 4.

O ROMANTISMO, GONÇALVES DIAS E SUA INFLUÊNCIA.

Como bem assinala Sílvio Romero, o romantismo teve. entre as múltiplas faces, que mostrou no correr da existência, a de ser nas letras e repercussão do famoso *princípio das nacionalidades.* (4)

Erguiam-se as nações, antes abatidas pela Revolução ou subjugadas por Bonaparte, já não apenas num movimento de simples reação contra as formas e ideais clássicos, mas numa tentativa de retorno às tradições populares, lendárias ou imaginosas, características e diferenciadoras, que pareciam conter os princípios restaurados de sua vida.

Fácil foi na Europa a execução do movimento, porque, cheia de velhas nações, apresentava abundante material existente e em boa parte colhido. E' que, desde a metade do século 18, encontramos nos trabalhos de Macpherson (Fragments of ancient poetry — 1760), Percy, (Reliques of ancient poetry — 1765), Herder e outros, referências notáveis a poesias, lendas e canções populares. E nos começos do século 19, preciosos estudos históricos, críticos, linguísticos do folclore então realizados, abriam caminho aos que pretendiam inspirar-se na opulenta fonte das tradições, abandonadas e quase esquecidas.

Entre nós o romantismo que segundo os seus filósofos e críticos, representa a vitória do indivíduo sobre a disciplina, veio fixar o período autonómico da nossa literatura.

Em 1850, quando, na Europa, a ciência começava a impor a superioridade dos seus métodos e, numa negação ao romantismo, proclamava a submissão do espírito ao objecto, estávamos ainda em pleno período de exaltação imaginativa.

Surge Gonçalves Dias, cantando as selvas, o aborígine, e, com a sua poesia da natureza, "foi a primeira voz definitiva que nos integrou na própria consciência nacional". (5)

Mestiço no físico e no moral, a índole de liberdade que o animava era uma resultante feliz da própria constituição gené-

---

(4) Sílvio Romero — "A Literatura" — Livro do Centenário, vol. 1.°, 1900 — Rio de Janeiro, pág. 61.

(5) Ronald de Carvalho — Pequena História da Literatura Brasileira 4a. ed., 1929. Rio Pag. 246. Editores F. Briguiet & Cia.

tica formadora. E o seu amor à terra, o seu interesse pela paisagem e pelo homem da natureza revelam a real manifestação daqueles fatores proféticos de que nos fala Cuenot, impressos no indivíduo, num impulso ingénito de adaptação e de conquista.

PONTO DE PARTIDA DOS ESTUDOS DE FOLCLORE NO NORDESTE

Aportava a Fortaleza, a bordo do "Tocantins", numa manhã de Fevereiro de 1859, a célebre Comissão Científica, dirigida por Freire Alemão, composta de doze pessoas, entre as quais se destacavam Raja Gabaglia, Guilherme Capanema e o poeta Antonio Gonçalves Dias, que chefiava a secção etnográfica e narrativa, da comissão, que o povo, com a sua ingenuidade deliciosa, apelidara de "comissão das borbuletas".

Este acontecimento que, para Tristão de Ataíde, assinala o começo da nossa actividade literária, pode ser considerado, porém, como ponto de partida, dos estudos de folclore no Ceará e, em geral, no Nordeste do Brasil.

Narram Rodolfo Teófilo, Dolor Barreira, Mário Linhares e outros, que, um dia, apresentou-se ao glorioso autor de "Timbiras" o nosso Juvenal Galeno, oferecendo-lhe para leitura os seus primeiros versos — "Prelúdios Poéticos", livro com que o moço cearense, ainda aos vinte e dois anos, aparecia nas letras pátrias. Com a sua autoridade de mestre da poesia nacional, e ao que nos parece, refletindo a responsabilidade de membro da Comissão Científica encarregado da secção de etnologia, Gonçalves Dias, aconselhou ao jóvem que se deixasse de versos académicos e procurasse no povo e na terra a matéria dos seus versos. (6)

E, em 1865, seis anos mais tarde, após haver percorrido o

(6) M. Nogueirà da Silva, da Academia Carioca de Letras. "Algumas reflexões críticas sobre Juvenal Galeno". "Jornal do Comércio" — Rio. Setembro de 1936.

Dolor Barreira — "História da Literatura Cearense". 1948. Ed. Inst. do Ceará Ltda. Pág. 69.

Mário Linhares, "História Literária do Ceará", 1.° T. Rio, 1948, Pág. 28.

litoral, a serra, o sertão, ouvindo, colhendo, anotando cuidadosamente preciosidades da boca da gente humilde, surgiu o poeta com as suas "Lendas e Canções Populares", que são para o folclore brasileiro o que foram "Os Sertões" de Euclides da Cunha para a antropo-geografia nacional — "o guieiro de uma bandeira gloriosa a penetrar pela alma da nacionalidade", (7) ainda desconhecida, mas vibrante no coração da terra...

Não se pode negar a influência de Gonçalves Dias na poética de Juvenal Galeno. A literatura da época gravitava em torno do vulto inconfundível do autor de "Timbiras", podendo o seu desenvolvimento histórico dividir-se em duas grandes épocas como tão expressivamente insinua Nogueira da Silva: "pré-palmeiras e sabiás e post-palmeiras e sabiás". (8)

O LIRISMO DE QUE O POETA NÃO PÔDE LIBERTAR-SE

O génio dos nossos bardos ou românticos escritores em três motivos da natureza a princípio buscou inspiração para revelar os mais belos cantos da literatura indígena: — na jangada, que é para o cearense o símbolo de sua audácia o do seu destino; numa árvore amiga, imagem de sua riqueza, esteio economico de sua vida; numa ave ou pássaro que canta, encarnção rediviva do poeta.

Em "Iracema" de José de Alencar — é a jandaia que canta na fronde da carnaúba... A carnaubeira, disse Humboldt, é uma das árvores da vida.

Entre as mais populares poesias de Juvenal Galeno, que têm a beleza ideal da simplicidade serena, vivem na alma do povo e receberam a consagração da crítica: "A jangada", "O cajueiro pequenino" e "Bem-te-ví".

Simbolizam estes poemas o Brasil praieiro, o Brasil sertanejo ou serrano, com o seu amor ingénuo, bucólico e feliz.

---

(7) Afranio Peixoto — "Discursos Académicos". Vol. II, 1907 — 1913, ed. 1935. Rio. Pág. 252.

(8) M. Nogueira da Silva, op. cit.

Não é a palmeira, mas o cajueiro, a árvore cantada pelo nosso poeta, com ternura ingênua de um agricultor :

"Que prazer quando encontrei-te
Nacendo jnto ao meu lar !
— Este é meu, este defendo,
Ninguém m'o venha arrancar!"

"Bradei e logo cuidoso,
Contente fui te alimpar
Cajueiro pequenino,
Meu companheiro do lar" (9)

M. Nogueira da Silva, da Academia Carioca de Letras, lembra que o poeta maranhense Gentil Braga escrevera também em 1857 uma poesia — "Cajueiro pequenino", no mesmo tema da poética de Juvenal Galeno, cujos versos aos do cearense se assemelham. (9a)

GLÓRIAS E REAL MÉRITO DO PATRIARCA DA POESIA POPULAR...

Sem que se discuta a primazia, pois os seus autores os escreveram quase na mesma época, o facto vem corroborar asserção de que o assunto constitui património folclorico de nossa gente.

E' justo, porém, que se mencionem três grandes glórias do vate cearense:

1.º — Ele representa o ponto de partido do nosso viver literário, fixado em 1856, com a publicação de seu livro "Prelúdios poéticos", por isto considerado o fundador das letras cearenses. Apóio-me em Mário Linhares e em Antônio Sales para afirmá-lo. (10)

2.º — Teve o mérito de implantar o verdadeiro nativismo

(9) "Lendas e Canções Populares" — Juvenal Galeno Ed. de 1892 Gualter R. Silva, editor. Pág. 79.

(9a) M. Nogueira da Silva "Algumas reflexões sobre Juvenal Galeno" — Jornal do Comércio — Rio.

(10) Mário Linhares, op. cit., pág. 27.
Dolor Barreira, op. cit. pág. 68.

nas letras de nossa terra, dando-lhe expressão autônomica, característica, iniciando um movimento essencialmente nacionalista entre nós, vigoroso e construtor.

3.º — Foi o nosso primeiro folclorista, precursor e pioneiro dos estudos de Folclore no Nordeste.

O saudoso António Sales, em 1934, com a sua autoriadade de mestre dos nossos poetas, não trepidou em confessar, perante agitadores de uma campanha de brasilidade, que "todo esse trabalho de brasileiramento de nossa poesia tem a sua origem na obra de Juvenal Galeno". (11)

Numa coisa, porém, adiantou-se muito o nosso Mistral: na naturaliadade com que apresentou a vida e os costumes do nosso povo, na fidelidade com que deu a conhecer a verdadeira poesia popular. Para isso não temeu sequer a crítica dos seus contemporâneos escritores, revelando-se um tanto naturalista, projectando-se além do grupo considerado por Nogueira, "post palmeiras e sabiás".

E' que há em Juvenal Galeno, em rigor, um certo objectivismo que, de outro lado o distingue e separa dos poetas típicamente românticos. Esta tendencia observamos não apenas em "Lendas e Canções Populares", apesar de um natural lirismo, mas igualmente em "Cenas Populares", em que o poeta procura retratar vários aspectos da vida social de sua época e também em "Folhetins d Silvanus", fina crítica dos costumes de então, com que vibra golpes de sátira, género tão raro na literatura cearense.

UM ERRO DOS CRÍTICOS BURGUESES.

O preconceito burguês procurou empanar o brilho da estrela, que longe ainda refulgia, ora negando-lhe a originalidade, ora apontando falhas e defeitos, tentando vibrar-lhe a fúria irônica de sua crítica apenas destruidora.

Alguém, com substancialidade, soube reconhecer-lhe o mérito, mas lamentava no estilo do poeta, "o caseiro, o doméstico, o terra-a-terra"; outros, até mesmo, incorreções de linguagem. Machado de Assis, porém, com imparcial rectidão, julgou que as

(11) António Sales — "Um grande nome cearense" "Correio do Ceará" de 4-7-1934.

suas canções populares "eram um ensaio feliz em muitos pontos, sendo alguns deles bem escritos e *todos originais*". (12)

Se para muitos se diz que o estilo é o homem, quanto a Juvenal Galeno, acrescentamos que todo ele reflecte com sinceridade a linguagem popular, de cuja singeleza jamais se separou, repetindo o que sentia a coletividade, sem personalismos de linguagem e de pensamento. Assim conceituando, Sílvio Júlio o situa no quadro do seu puríssimo valor: "raciocinava com a multidão. Aprendia as vozes bárbaras dos trabalhadores do campo e da cidade. Dir-se-ia que falava por eles. Não os examinou. Não os corregiu. Dava-se bem como humilde que ouvia as queixas e os entusiasmos da coletividade". (13)

E porque não cursou academias, nem viveu para os salões aristocratas, imbuindo-se da literatura estrangeira então dominante, ou sofrendo a sua tentadora influência, pôde com as mãos e a consciência puras subir ao altar da Pátria, para elevar aos olhos atónitos dos que não tinham fé no seu destino a hóstia branca da poesia popular.

Não procede contra ele demérito por imperfeições gramaticais ou incorreções le linguagem, assim como não é lícito ao hermeneuta negar aos livros sagrados as verdades supremas, quando estes, falando pela tradição, trazem o sinete da mentalidade dos povos antigos.

"Lendas e Canções Populares" são a BÍBLIA DOS TROVADORES NACIONAIS !

Juvenal Galeno, descendo da serra da Aratanha à vasta planície, para banhar a sua inspiração no estudo dos caracteres, convivendo com o povo simples do litoral e do sertão e identificando-se com os seus costumes, foi autêntico Moisés do nativismo brasileiro, firmando, entre nós, com aqueles "que têm no sangue o sentido histórico da terra", a nova aliança dos seus poetas com a natureza.

---

(12) Machado de Assis — Juízos críticos *in* Lendas e Canções Populares, ed. de 1892 pág. 26-27. "Diário do Rio" (1866), n. 79.

(13) Sílivio Júlio, "Terra e Povo do Ceará" — 1936, pag. 117.

UMA COMPREENSÃO OBJECTIVA DO FOLCLORE

Estão em suas palavras, no prólogo de "Lendas e Canções Populares", o dogma, a mística, a proclamação do ingénito profeta:

> "Foi no trabalho, no lar e na política, na vida particular e pública, na praia, na montanha e no sertão, — que ouvi os cantos do povo, que reproduzi-os, que ampliei-os, sem desprezar a frase singela, a palavra do seu dialecto, a sua metrificação e até o seu próprio verso. Foi no seio do povo que conheci e cantei os seus sentimentos; que pude conhecer essa poesia que, segundo Herder, — E' O TESOURO DA CIÊNCIA DO POVO, DE SUA RELIGIÃO, DE SUA TEOGONIA, DE SUA COSMOGONIA, DA VIDA DE SEUS PAIS, DOS FEITOS DE SUA HISTÓRIA".
>
> "Sei que mal recebido serei nos salões aristócratas, entre alguns críticos que, estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular! Esquecidos de que a poesia nasceu com o homem e só com o homem morrerá; — de que não há povo que não tenha a sua lenda, a sua canção, a sua poesia, bela, original; — de que no estado selvagem o Brasil teve essa poesia no canto das tribus, que comemoravam seus feitos guerreiros e as aventuras de seu viver errante; — de que nos tempos coloniais o povo cantava a opressão que sofria, as suas aspirações à liberdade, o cativeiro de seus filhos, a devastação de suas florestas; — de que na Independência o brasileiro cantou as peripécias da luta, a vitória, os heróis, os hinos do livre; — de que hoje ilaqueado por sua boa fé, lendo na lei — liberdade e nos fatos — despotismo, canta não só os seus amores e as lendas do passado, como também os seus pesares de cidadão!" (15)

Há nestas palavras não apenas aspiração de poeta, mas es-

(14-15) Juvenal Galeno — Lendas e Canções Populares.

pírito de ciência, vontade de penetração no sentido de revelar um sector ainda desconhecido.

Em 1846 W. Thoms baptizava com o nome de folclore o ramo de estudos ou conhecimentos relativos às crenças, costumes, tradições, lendas, poesias e canções populares. Tentava-se ainda a sistematização do folclore. E, pouco mais de vinte anos decorridos, Juvenal Galeno, citando Herder, que, na Alemanha, foi um dos primeiros a considerar tais lendas, canções e poesias como TESOURO DA CIÊNCIA DO POVO, teve naqueles tempos uma nítida compreensão do problema, podendo ser entre nós considerado verdadeiro precursor do Folclore, visto não a título de curiosidade, mas como base científica.

O FOLCLORISTA QUE O CEARÁ POSSUÍA EM 1865...

O verdadeiro artista se identifica com o personagem que representa.

Nas "Lendas e Canções Populares" aflora aquela encantadora alma das gentes. Por isso, as suas estrofes continuam a viver e palpitar na boca do povo, de tal modo que, diante delas, assegura-nos Gustavo Barroso, não se sabe se são de Juvenal Galeno ou do folclore cearense. E' que, acrescenta João do Norte, ele foi um folclorista espontâneo e, se na sua época estivessem em curso entre nós os estudos de folclore, bem adiantados na Europa , ele teria sido, sem favor, um formidável folclorista, pela maestria de seu conhecimento das fontes das lendas e das poesias populares e pela íntima afeição que ás mesmas o ligavam seus pendores naturais. (16)

Se o Folclore é o estudo do que pensa, sente e faz o povo, consubstanciando "uma ciência, uma arte, uma filosofia, uma literatura a seu modo, diluída na tradição, a obra de Juvenal Galeno, repositório de factos autenticados, na terra cearense, em sua época, significa observação, pesquisa, síntese, e ao campo da CIÊNCIA DO POVO não poderá escapar, pois ao mesmo, pelas verdades que encerra, passou a pertencer.

---

(16) Gustavo Barroso — " O poeta símbolo", artigo publicado em "A Tarde" de 26-3-931.

Vide Basilio de Magalhães — "O Folclore no Brasil" — 1939 ed. Imprensa Nacional págs. 9, 15 e 152.

Florival Seraine, num primoroso trabalho de crítica científica, viu nas composições do venerado aedo o valor de autêntico documentário do linguajar regional já definido e normalizado em suas revelações capitais, na época (1859-1891), em que foram produzidos os versos de "Lendas e Canções". Vozes de procedência indígena ou africana, arcaismos populares, a fonética e a sintaxe peculiares ás gentes do Ceará ali estão registados com fidelidade.

Este, um dos aspectos por que os seus escritos podem ser examinados para estudo, pois há outras facetas não menos importantes, como sejam: usos e costumes do povo cearense, referências sobre habitação e suas dependências, móveis e utensílios, indumentária; práticas de agricultura e de criação, costumes de trabalho individual e colectivo, mitos, superstições, ideias sobre religião, política, etc...

Exemplifiquemos com a leitura de alguns versos simples, mas ricos em variedades folclóricas.

Na poesia "O velho jangadeiro" lemos a instabilidade e incerteza de sua vida, que é a de todos os nossos pescadores :

"Velho... fraco... quase cego...
Meus dias passo no mar,
Sobre a minha jangadinha
Á noite volto ao meu lar,
Ás vezes rindo contente,
Muitas vezes a chorar" (17)

Na canção "O pobre feliz" há uma completa descrição da casa do trabalhador sertanejo, em poucas e simples redondilhas:

"Tem minha casa um alpendre,
Junto deste a camarinha,
Mais um puxado, que Rosa
Chama espaçosa cozinha;
Caritó, girau e redes
Adornam toda a casinha." (18)

(17) Juvenal Galeno — "Lendas e Canções Populares", 2.° ed. 1892. Editores Gualter R. Silva, Pág. 51.

(18) Juvenal Galeno, op. cit. pág. 43.

Vejam como se faz uma ceia entre "Os pescadores":

"No chão estende-se a esteira,
O peixe vem fumegando,
E em derredor se sentando,
Vai a família cear:
Que apetitoso banquete!

A panelinha de banda
Dá caldo após a vianda...
Na roda a cuia a girar.
Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar." (19)

"No cafèzal", canção que nos lembra a alegria do trabalho colectivo, sentimos que a actividade livre animava, apesar de tudo, uma parte da vida rural. Em notas apensas à segunda edição de "Lendas e Canções", o autor nos explica que, no Ceará, a colheita do café era feita pelo braço livre: (20)

"Que folias, que mistérios
Na colheita do café!
Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé". (21)

O amor do sertanejo sempre foi recatado. As oportunidades são escassas. E a mulher é uma rola arisca. E' o que vemos no poesia "Chiquinha":

"Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar..." (22)

No sertão dos primeiros tempos, filho do pastoreiro livre,

(19) Juevenal Galeno, op. cit. pág. 348.
(20) Idem, idem pág. 604.
(21) Idem, idem, pág. 484.
(22) Idem, pág. 126.

independente, o vaqueiro era homem que via a agricultura como trabalho não mui dignificante. Foi um mal que se generalizou, custando a muitos convencer-se de que deviam cuidar de uma lavoura. E' o que vemos na poesia "Meu roçado", em que se canta o valor do trabalho livre e próprio, condenando-se o simples emprego:

"Bem a Joana me dizia
Nas horas de privação:
— Homem, faz um roçadinho,
Planta arroz, planta feijão,
Que esta vida de alugado
Ao pobre não serve, não. (23)

Em "O vaqueiro" vemos como este se veste e como campeia:

"De véstia e perneiras, chapeu, guarda-peito,
De peles curtidas... Que lindo trajar!
Com minha guiada, montado o ginete,
Que rincha fogoso, que sabe pular...

Eu boto o cavalo... que sente as esporas,
E assopra e se escancha nos rastos da rês...
Ardente... brioso... sedento de glórias...
Por altos e baixos, correndo por três!

A vida que levo,
Ouvi-me esta vez." (24)

O Boiadão:

"Dizendo sentido adeus,
às várzeas do meu sertão,
Pra feira vou caminhando
Na frente do boiadão

(23) Idem, idem, pág. 105.
(24) Idem, idem, pág. 47.

Pois sou vaqueiro de fama,
Com minha vara na mão,
Como ninguém sou temêro
Na frente do boiadão". (25)

Nestes versos, vemos referências ao que o vaqueiro chama "guiada", que é a aguilhada, uma vara de ferrão, com que os antigos feriam o boi perseguido e, se o golpe era certo, atiravam-no ao chão. Este costume, hoje desaparecido, dele encontrei referências em Henry Koster, o conhecido inglês que visitou o Ceará, por volta de 1811. Com as preciosas indicações das "Lendas e Canções Populares", podemos concluir sobre a vigência do mesmo ainda em 1864... (25a)

De alguns mitos temos exemplo na poesia "O caipora":

"No meio da mata, menino não corra.
Que o vil caipora
Agora
Neste hora
Passeia montado no seu caitetú." (26)

A amargura do exílio o cearense canta nestes versos — "Terra alheia" :

"Garça parda, garça branca
Que neste lago passeia
Bate as asas, volve aos lares
De quem chora em terra alheia;
E voando vai dizendo:
Triste coisa é terra alheia." (27)

Mas o poeta revela também a opinião do povo sobre política e religião :

---

(25) Idem, idem, pág. 121.

(25a) Henry Koster —"Viagens ao Nordeste do Brasil" (Travels in Brazil) Tradução e notas de Luís da Camara Cascudo, 1942. Companhia Editora Nacional. Pag. 209.

(26) Juvenal Galeno, op. cit. pag. 279.

(27) Idem, idem, op. cit. pag. 515.

FORMAS DE GOVERNO

"Logo após a Independência
De minha pátria nação,
Sobre as formas de Governo
Versou forte discussão;
Um pedia monarquia
Sujeita a Constituição,
Outro — um rei absoluto
E outro mais resoluto
Pedia — a federação!"

Então, então
Não podia eu, como agora,
Dizer minha opinião." (28)

O deputado Baeta Neves, em magnífico discurso que pronunciou na Câmara Federal, recitou sob aplausos de uma salva de palmas, mais êstes versos que, na sua opinião, conservarão sua oportunidade, em toda a vida do Brasil :

"Nenhum Governo me serve,
Tenha o nome que tiver,
Se entre o povo, com desvelo,
Instrução não houver;
Se imperar o patronato,
Se a corrução se exercer;
Se não houver liberdade,
E também moralidade
Nas figuras do poder !
Em conclusão :
Eu quisera ler nos factos
A nossa Constituição." (29)

(28 e 29) Idem, idem, op. cit. pág. 257 e 258.

O FOLCLORE DE JUVENAL GALENO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS.

Tendes aí uma singela amostra de um material copioso, palpitante nos escritos do vate conterrâneo, a revelar crenças, usos e costumes, colhido por volta de 1865. Todo ele é fotografia da vida de nossas populações, no litoral, nas serras e no sertão. Não é necessário muito estudo para ver, como a sociedade sérias mudanças tem sofrido ao contacto das ferrovias, do automóvel, do avião, da máquina, enfim, que, num processo de industrialização crescente, tomou novos rumos, nova orientação.

A luta pela transformação industrial da matéria reduziu as distâncias, aproximou os centros economicos, pôs em contacto as populações antes insuladas, estabeleceu a circulação das gentes e mercadorias, e, em consequência, assistimos a uma mudança da consciência nacional, expressão de uma outra cultura, em que se desenvolve o pensamento humano.

Quando se tiver de reconstituir a História, feita não simplesmente de factos heróicos, de guerras, de exaltação política, mas dos inúmeros fatores cuja variedade escapou à argúcia dos historiadores passados, os quais não puderam prever a importância e o interêsse que estes detalhes poderiam significar no futuro, veremos como a tradição, manifesta nas lendas, canções, poesias, costumes populares etc. abrigarão a verdade das coisas procurada pela ciência.

Volveremos os olhos para contemplar, com inteligência, esse tesouro — o folclore, que muitos abandonaram ou esqueceram, deixando-o intacto à margem do caminho. E que só espíritos como Juvenal Galeno, Barão de Studart, Leonardo Mota, Gustavo Barroso e outros cearenses tiveram o mérito de conservar, guardando nos escrínios para a posteridade, toda a essência e todo o perfume da musa dos nossos bardos queridos.

Sim, meus senhores, "a história pela poesia é a única história capaz de vulgarizar-se e de ser possuida pelo povo". (30)

(30) Afonso Arinos, Discursos Academicos. Academia Brasileira de Letras. Vol. II, 1933, pag. 43.

CONCLUSÃO:

Por isso, urge encarar com mais realidade os objectivos supremos da própria arte, que em suma deve ser essencialmente a verdade, embora se revista do "manto diáfano da fantasia"...

E' que mais a uma crise assistimos na hora presente. A crise da poesia que parece ter abandonado as fontes naturais sensíveis das mais justas e belas emoções. Falta de engenho, de talento, de inspiração?... Consequência da crise econômica universal?...

Deixemos que se expliquem idealistas e realistas...

O certo é que ela existe. Nós da planície, que não somos poetas, mas somos povo, o percebemos claramente pelas cordas do sentimento. E, contra factos não há argumentos.

Uma literatura exótica e tanto mais exótica quanto é apelidada de poesia, artifical, sem substância e sem ligações com o meio, invadiu a imprensa, acastelou-se nas revistas de que alguns fazem monopólio e, a pretexto de originalidade, numa irreverência de estilo que nos cresta os nervos, continua a torturar-nos os sentidos.

Daí conclui Fernando de Azevedo a atitude do brasileiro em face dos homens de inteligência e das coisas do espírito e, segundo Genolino Amado, uma estranha inclinação para se congratular com as derrotas da inteligência. (31)

Ser moderno, dizia Ronald de Carvalho, não é ser futurista, nem esquecer o passado. (32)

Não pretendemos, porém, repetir o passado... Não preferimos escolas, mas que os nossos poetas e escritores olhem para a vida, inspirem-se na realidade... Ela está ainda palpitante nos motivos regionais...

"Qual literatura, diz Sílvio Romero: Toda essa versalhada que anda por aí não vale o canto de um boiadeiro. Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio.

---

(31) Fernando de Azevedo, "A Cultura Brasileira", 2a. ed. 1944 Companhia Editora Nacional. Pág. 174.

(32) Ronald de Carvalho. "Pequena História da Literatura", 4a. ed. Editor F. Briguet & Cia.. Pág. 412.

Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpercatas e de chapéu de couro e peçam-lhe uma cantiga". (33)

Poetas, exclama Afonso Arinos, são os que sabem exprimir o ideal que a imaginação o povo acaricia... (34)

E Juvenal Galeno soube, em sua musa, exprimir esse ideal.

Rendamos a nossa homenagem ao vate, sob cujo patrocínio tem vivido esta casa. A sua voz alteia-se neste instante, e há 112 anos, vinha ao mundo, para revelar as belezas de nossa terra e pregar a todos esta legenda que encontrei num verso sublime de Álvaro Bomilcar: "êle cantou a Bíblia verde da existência rude"...

Fortaleza-Ceará — 27/9/1948

(33) Coelho Neto — Discursos. Academia Brasileira de Letras, vol. III — 1935, pag. 149.

(34) Afonso Arinos, op. cit. pág. 43.